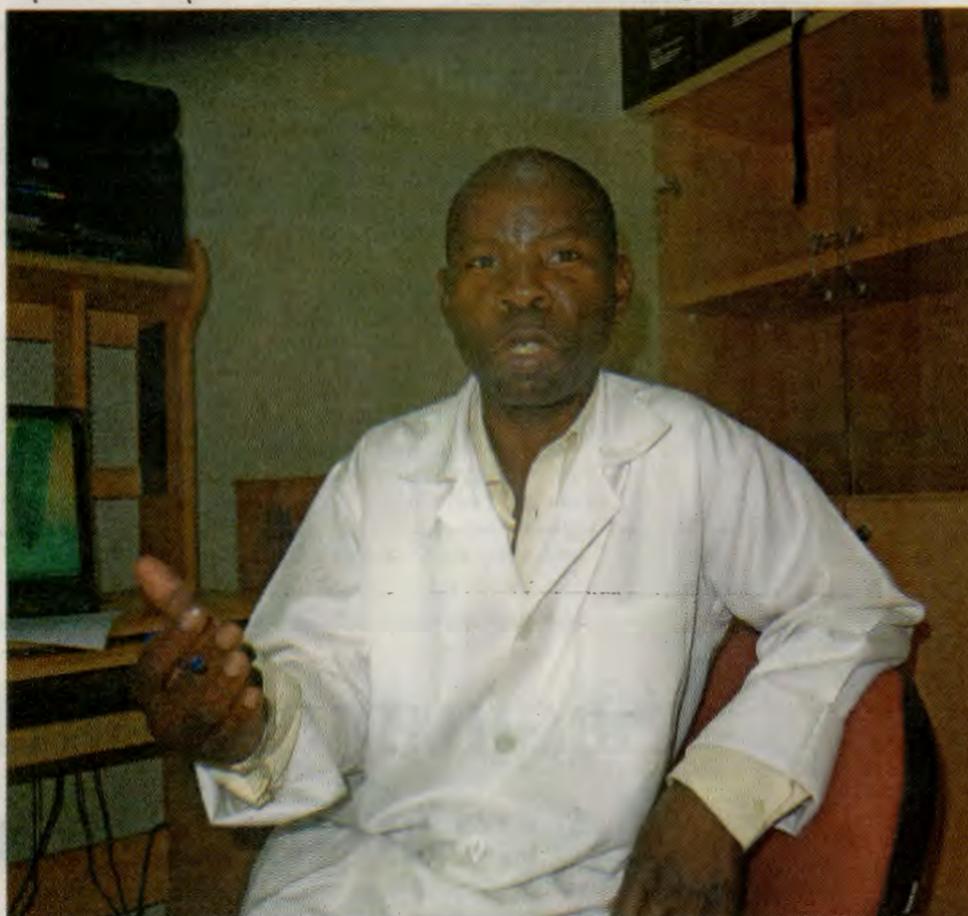


ALERTA PSICÓLOGO CLÍNICO, FONTES CASTANHEIRO Perturbação mental pode estar na origem dos infanticídios

Notícias, Manica em foco, 24.01.2018, Pág. 04, ed. 30.265

n VICTOR MACHIRICA

OS casos de infanticídio que tendem a ganhar contornos alarmantes, na província de Manica, podem estar associados a uma perturbação mental conhecida como "psicose puerperal", segundo Fontes Castanheiro, psicólogo clínico, em serviço no Hospital Provincial de Chimoio (HPC).



Fontes Castanheiro analisando a génese dos infanticídios em Chimoio

Fontes Castanheira disse que "são vários os factores que concorrem para que os crimes do género aconteçam, mas o que me aparece, logo à primeira vista, tendo em consideração a história dos casos já registados, é a psicose puerperal", que igualmente aponta a pobreza como elemento catalisador destes comportamentos.

Para além disso, o psicólogo indicou a gravidez indesejada, o

medo de zombarias na comunidade e de encurar os pais, bem como o facto de as parturientes não terem namorados ou maridos conhecidos que possam assumir a paternidade dos filhos, como sendo outras das várias causas que podem desencadear tais perturbações.

"Outro dos factores que acontece, em que há exemplos no mundo e no nosso país, é a depressão pós-parto. Essa é uma perturbação que muitas pessoas

não conhecem, mas que acontece. Uma miúda ou uma mulher pode dar parto e, porque no início da gravidez teve algum problema social, com o seu namorado ou marido, ou então aconteceu alguma coisa depois do parto, pode entrar em depressão e passar a ter o comportamento de repelir a criança, de não amá-la, de não acarinhá-la. Este quadro pode evoluir a ponto de desvalorizar a vida do filho, podendo a pessoa apossar-se de vontade do espírito

de eliminar o recém-nascido" - acrescentou o académico.

Castanheiro explicou que outro problema que pode levar à depressão pós-parto pode ser uma promessa de casamento que não chega a efectivar-se e, uma vez que a mulher aceitou engravidar, esperando que o filho iria ter um pai por perto, quando tal não acontece, ela pode desenvolver um sentimento que pode levá-la a repelir o bebé a ponto de matá-lo ou não querer vê-lo, podendo até

oferecê-lo a quem o quiser, já que ela, nesta altura, não está consciente dos seus actos e da necessidade de ter a criança consigo.

"Isto, embora seja raro, acontece. É por isso que se recomenda que os partos tenham lugar nas unidades sanitárias, nas maternidades, o que permite que, havendo este problema ou um outro, tanto da parte da mãe, quanto da criança, sejam tomadas as necessárias providências com vista a garantir a segurança do recém-nascido e o controlo da mãe" - explicou.

"Não poucas vezes, mães negaram filhos por causa disso, a ponto de negarem este dever perante as autoridades judiciais, assinando documentos em que manifestam o desejo de não querer ver ou cuidar dos seus próprios filhos. Quando isto acontece, a criança pode ser colocada sob cuidado de um infanteiro ou mesmo ser adoptada. Porém, se acontece num parto isolado, esses cuidados não poderão ser oferecidos" - afirmou.

"Porém, tratando-se de uma perturbação, que nalguns casos é passageira, passado algum tempo, tais mães se livram deste mal e voltam a ter amor com os seus filhos e uma vez arrependidos e sanada a crise, podem voltar a solicitar a guarda dos menores" - anotou.

Relativamente ao problema "medo dos pais", o académico explicou que "tendo engravidado a revelia, certas adolescentes vêm-se sem coragem de partilhar a preocupação com os seus progenitores e, não tendo como desfazer-se da gravidez, e com o medo de represálias, podem cair na crise de psicose puerperal e decidir livrar-se do bebé, matando-o logo após o parto, por asfixia ou atirando o bebé em lixeiras, latrinas, rios e outros locais.

Mulheres repudiam

ROSA Francisco, mãe de quatro filhos, entrevistada a propósito pelo "Notícias" sobre o comportamento das jovens que têm estado a nascer e a deitar os bebés em latrinas ou lixeiras em Manica, condenou com veemência a atitude, defendendo que "melhor seria, não querendo ter uma dada criança, as parturientes, no lugar de matá-la ou caso se achem sem condições para sustentá-la, entregarem-nas aos infanteiros ou a pais adoptivos.

Outra sugestão apresentada pela nossa interlocutora é o planeamento familiar. Não sua óptica, "estando disponível nos hospitais, a todos níveis, o programa de planeamento familiar gratuito, não vejo porque que é que tais mulheres não aderem a esta iniciativa para evitar gravidezes indesejadas, assassinatos de bebés e a condenação, pela justiça, das próprias mães, por prática de infanticídios".

"Temos que nascer os nossos filhos, dar amor e carinho que merecem e não nascer para depois jogá-los fora. É preferível você sofrer com o seu filho. O que você vai comer, ele também come. Não querendo o filho, pode fazer o planeamento para evitar a gravidez. Deitar criança não é solução, não se pode fazer isso, pois isso é um acto criminal que deve ser condenado" - disse.

Acrescentou que "matando os nossos próprios filhos, corremos o risco de tirar a vida a uma pessoa que Deus tinha destinado um bom



Rosa Francisco, uma mãe que deu a cara para condenar o que parece estar a pegar moda em Chimoio

futuro, pois, segundo ela, "ninguém sabe o que é que as crianças que temos hoje serão amanhã. É possível que estejamos a tirar a vida a alguém que amanhã nos iria ajudar ou ajudaria a sociedade e o mundo".

Na mesma senda, Rosa condenou as mulheres que optam pelo aborto para evitar os filhos. "Se você não quer nascer, porque não se previne usando os vários métodos existentes? No meu entender, o próprio aborto é também uma forma de acabar com a vida de alguém que não sabemos o que o futuro lhe reserva".

Sobre o mesmo assunto, a chefe das Relações Públicas no Comando provincial da PRM em

Manica, Elsidia Filipe, deixou um apelo para as parturientes no seguintes termos: "temos que prevenir situações do género, mas tal exige, não só a intervenção da Polícia, mas também de outras forças vivas da sociedade. Estamos a falar das igrejas, das lideranças comunitárias, da saúde, das escolas, entre outros".

"É preciso munir as pessoas, principalmente as mães jovens, as mulheres, as famílias, de informação sobre os riscos deste tipo de actos e comportamentos. Portanto, é crime, e como tal, punível nos termos da lei. Então, vamos todos prevenir ao invés de ter que remediar, passando o resto da vida nas cadeias" - apelou.

Arrependimento das infanticidas

NA PROVINCIA de Manica, com maior incidência, na cidade de Chimoio, casos de género tem vindo a acontecer de forma reiterada. Beute Paulino é uma das mães que recentemente foi detida e condenada a pena de prisão maior, por ter morto o seu próprio filho recém-nascido, atirando-o numa lixeira, tendo os restos mortais sido devorados por cães vadios.

Ela diz estar arrependida pelo crime que cometeu e aconselha as outras mulheres a não enveredarem pelo mesmo caminho. "Não façam o que eu fiz. Cuidem bem dos vossos filhos, não podem deitar fora

resgatada com vida, depois que a mãe, uma jovem de 17 anos, a atirou numa latrina da casa vizinha, no distrito de Gondola, como forma de se livrar do menor em virtude de os supostos pais terem se recusado assumir a paternidade.

Trata-se de Cândida Fernando, cuja prisão foi já legalizada, acusada de tentativa de homicídio, ao ter tentado pôr fim a vida do seu próprio filho, alegadamente porque nenhum dos supostos três pais com quem se achava ter engravidado, se disponibilizou a assumir a paternidade.

na origem dos infanticídios

Notícias, Manica em foco, 24.01.2018, Pág 04, ed 30. 265

N VICTOR MACHIRICA

OS casos de infanticídio que tendem a ganhar contornos alarmantes, na província de Manica, podem estar associados a uma perturbação mental conhecida como "psicose puerperal", segundo Fontes Castanheiro, psicólogo clínico, em serviço no Hospital Provincial de Chimolo (HPC).



Fontes Castanheiro analisando a génese dos infanticídios em Chimoio

Fontes Castanheira disse que "são vários os factores que concorrem para que os crimes do género aconteçam, mas o que me aparece, logo à primeira vista, tendo em consideração a história dos casos já registados, é a psicose puerperal", que igualmente aponta a pobreza como elemento catalisador destes comportamentos.

Para além disso, o psicólogo indicou a gravidez indesejada, o

medo de zombarias na comunidade e de ençar os pais, bem como o facto de as parturientes não terem namorados ou maridos conhecidos que possam assumir a paternidade dos filhos, como sendo outras das várias causas que podem desencadear tais perturbações.

"Outro dos factores que acontece, em que há exemplos no mundo e no nosso país, é a depressão pós-parto. Essa é uma perturbação que muitas pessoas

não conhecem, mas que acontece. Uma miúda ou uma mulher pode dar parto e, porque no início da gravidez teve algum problema social, com o seu namorado ou marido, ou então aconteceu alguma coisa depois do parto, pode entrar em depressão e passar a ter o comportamento de repelir a criança, de não amá-la, de não acarinhá-la. Este quadro pode evoluir a ponto de desvalorizar a vida do filho, podendo a pessoa apossar-se de vontade do espírito

de eliminar o recém-nascido" – acrescentou o académico.

Castanheiro explicou que outro problema que pode levar à depressão pós-parto pode ser uma promessa de casamento que não chega a efectivar-se e, uma vez que a mulher aceitou engravidar, esperando que o filho iria ter um pai por perto, quando tal não acontece, ela pode desenvolver um sentimento que pode levá-la a repelir o bebé a ponto de matá-lo ou não querer vê-lo, podendo até

oferecê-lo a quem o quiser, já que ela, nesta altura, não está consciente dos seus actos e da necessidade de ter a criança consigo.

"Isto, embora seja raro, acontece. É por isso que se recomenda que os partos tenham lugar nas unidades sanitárias, nas maternidades, o que permite que, havendo este problema ou um outro, tanto da parte da mãe, quanto da criança, sejam tomadas as necessárias providências com vista a garantir a segurança do recém-nascido e o controlo da mãe" – explicou.

"Não poucas vezes, mães negaram filhos por causa disso, a ponto de negarem este dever perante as autoridades judiciais, assinando documentos em que manifestam o desejo de não querer ver ou cuidar dos seus próprios filhos. Quando isto acontece, a criança pode ser colocada sob cuidado de um infanteiro ou mesmo ser adoptada. Porém, se acontece num parto isolado, esses cuidados não poderão ser oferecidos" – afirmou.

"Porém, tratando-se de uma perturbação, que nalguns casos é passageira, passado algum tempo, tais mães se livram deste mal e voltam a ter amor com os seus filhos e uma vez arrependidos e sanada a crise, podem voltar a solicitar a guarda dos menores" – anotou.

Relativamente ao problema "medo dos pais", o académico explicou que "tendo engravidado a revelia, certas adolescentes vêm-se sem coragem de partilhar a preocupação com os seus progenitores e, não tendo como desfazer-se da gravidez, e com o medo de represálias, podem cair na crise de psicose puerperal e decidir livrar-se do bebé, matando-o logo após o parto, por asfixia ou atirando o bebé em lixeiras, latrinas, rios e outros locais.

Rosa Francisco, mãe de quatro filhos, entrevistada a propósito pelo "Notícias" sobre o comportamento das jovens que têm estado a nascer e a deitar os bebés em latrinas ou lixeiras em Manica, condenou com veemência a atitude, defendendo que "melhor seria, não querendo ter uma dada criança, as parturientes, no lugar de matá-la ou caso se achem sem condições para sustentá-la, entregarem-nas aos infanteiros ou a pais adoptivos.

Outra sugestão apresentada pela nossa interlocutora é o planeamento familiar. Não sua óptica, "estando disponível nos hospitais, a todos níveis, o programa de planeamento familiar gratuito, não vejo porque que é que tais mulheres não aderem a esta iniciativa para evitar gravidezes indesejadas, assassinatos de bebés e a condenação, pela justiça, das próprias mães, por prática de infanticídios".

"Temos que nascer os nossos filhos, dar amor e carinho que merecem e não nascer para depois jogá-los fora. É preferível você sofrer com o seu filho. O que você vai comer, ele também come. Não querendo o filho, pode fazer o planeamento para evitar a gravidez. Deitar criança não é solução, não se pode fazer isso, pois isso é um acto criminal que deve ser condenado" – disse.

Acrescentou que "matando os nossos próprios filhos, corremos o risco de tirar a vida a uma pessoa que Deus tinha destinado um bom



Rosa Francisco, uma mãe que deu a cara para condenar o que parece estar a pegar moda em Chimoio

futuro, pois, segundo ela, "ninguém sabe o que é que as crianças que temos hoje serão amanhã. É possível que estejamos a tirar a vida a alguém que amanhã nos iria ajudar ou ajudaria a sociedade e o mundo".

Na mesma senda, Rosa condenou as mulheres que optam pelo aborto para evitar os filhos. "Se você não quer nascer, porque não se previne usando os vários métodos existentes? No meu entender, o próprio aborto é também uma forma de acabar com a vida de alguém que não sabemos o que o futuro lhe reserva".

Sobre o mesmo assunto, a chefe das Relações Públicas no Comando provincial da PRM em

Manica, Elsídia Filipe, deixou um apelo para as parturientes no seguintes termos: "temos que prevenir situações do género, mas tal exige, não só a intervenção da Polícia, mas também de outras forças vivas da sociedade. Estamos a falar das igrejas, das lideranças comunitárias, da saúde, das escolas, entre outros".

"É preciso munir as pessoas, principalmente as mães jovens, as mulheres, as famílias, de informação sobre os riscos deste tipo de actos e comportamentos. Portanto, é crime, e como tal, punível nos termos da lei. Então, vamos todos prevenir ao invés de ter que remediar, passando o resto da vida nas cadeias" – apelou.

Arrependimento das infanticidas

NA PROVINCIA de Manica, com maior incidência, na cidade de Chimoio, casos de género tem vindo a acontecer de forma reiterada. Beute Paulino é uma das mães que recentemente foi detida e condenada a pena de prisão maior, por ter morto o seu próprio filho recém-nascido, atirando-o numa lixeira, tendo os restos mortais sido devorados por cães vadios.

Ela diz estar arrependida pelo crime que cometeu e aconselha as outras mulheres a não enveredarem pelo mesmo caminho. "Não façam o que eu fiz. Cuidem bem dos vossos filhos; não podem deitar fora as vossas crianças. A cadeia é um lugar muito mau" – declarou a infanticida, condenada a nove anos de prisão efectiva.

Ivânia Erasmo é outra jovem-mãe que se encontra detida na cadeia feminina de Chissui, em Chimoio, pela prática do crime de infanticídio e que aguarda julgamento. Ela diz estar igualmente arrependida pelo acto que confessa ter protagonizado. "Eu sou pobre, não tenho recursos. Acabei deitando o meu filho numa latrina, onde depois viria a morrer, tendo o corpo sido achado dias depois. Comportei-me muito mal" – reconheceu.

Como se pode depreender são preocupantes os casos de infanticídio em Manica.

Recorde-se que há dias uma recém-nascida foi

resgatada com vida, depois que a mãe, uma jovem de 17 anos, a atirou numa latrina da casa vizinha, no distrito de Gondola, como forma de se livrar do menor em virtude de os supostos pais terem se recusado assumir a paternidade.

Trata-se de Cândida Fernando, cuja prisão foi já legalizada, acusada de tentativa de homicídio, ao ter tentado pôr fim a vida do seu próprio filho, alegadamente porque nenhum dos supostos três pais com quem se achava ter engravidado, se disponibilizou a assumir a paternidade.

Em declarações à imprensa, a jovem mãe declarou-se também inocente e reiterou não fazer ideia ter deitado a criança na latrina porque, segundo contou, na altura da ocorrência, estava possuída de maus espíritos, supostamente colocados em seu corpo por um avô.

O infanticídio foi frustrado graças ao pronto-socorro que teve de alguém, segundo disse-nos Egualdo da Conceição João, Director Clínico do Hospital Distrital de Gondola, unidade sanitária para onde a criança foi levada de emergência, encontrando-se fora do perigo.

"A criança goza de boa saúde" – garantiu o clínico, acrescentando haver pessoas que se disponibilizaram a adoptá-la ou ainda ser entregue a um infanteiro.